

Losurdo: presença e permanência

JOÃO QUARTIM DE MORAES (ORG.)

São Paulo: Editora Anita Garibaldi/Fundação Maurício Grabois, 2020. 138p.

Fernando Garcia de Faria*

A coletânea *Losurdo: presença e permanência*, organizada por João Quartim de Moraes e traduzida por Franco Tomassoni e Maria Lucília Ruy, é uma homenagem ao filósofo italiano falecido em junho de 2018. Domenico Losurdo foi um autor profícuo e largamente traduzido em dezenas de países e línguas. O livro é também uma deferência à sua crítica à modernidade, a partir da qual Losurdo se opõe radicalmente ao niilismo, perspectiva tão característica do século XX.

O primeiro artigo, “Domenico Losurdo 1941-2018”, de Stefano G. Azzarà, antigo aluno do homenageado, delinea cuidadosamente as características do mestre sob a perspectiva de quem conviveu com ele. O autor do capítulo afirma que para assumir-se como um intelectual da academia e, ao mesmo tempo, tomar partido sobre os rumos da humanidade, Losurdo “deveria ser absolutamente impecável no suposto plano filosófico ‘puro’ e aparentemente asséptico aos conflitos” (p.15). Não seria permitido, portanto, transigir com o rigor, pois, assim, corria-se o risco da suspeita de apologias ideológicas na Europa do auge da Guerra Fria.

Azzarà sublinha ainda o ponto de vista de Losurdo sobre o caráter intrinsecamente político da filosofia. Para ele, a política é o primeiro laboratório da filosofia. Não como mera descrição ou justificativa dos fenômenos do mundo, mas como

* Mestrando em História Econômica (USP). E-mail: garciadefaria@usp.br

locus de avaliação do raciocínio. São as categorias filosóficas verificadas na sua forma mundana.

A marca da “sólida estatura intelectual” de Losurdo pode ser encontrada também no “Estudo introdutório” do organizador desse volume, João Quartim de Moraes. Nele traz-se a lume uma importante faceta do homenageado: sua permanente e comprometida luta em prol do conhecimento das relações complexas que sustentam o imperialismo, tanto quanto aquelas que dão suporte às forças reacionárias e ao neocolonialismo. Uma luta teórica e político-ideológica, marcada por rigorosa objetividade e pelo uso de fontes e informações produzidas por diferentes campos do conhecimento e tradições filosóficas variadas, a partir das quais as ideologias vigentes são colocadas em xeque diante de suas próprias contradições, falhas e falácias.

Outra importante contribuição registrada por Quartim de Moraes é a centralidade da análise sobre o neocolonialismo. Losurdo aponta que na “base do ocultamento da questão colonial está a supressão da questão nacional” (p.38). Ao mesmo tempo, a crítica de Losurdo ao chamado “marxismo ocidental” mostrou a necessidade de uma materialidade objetiva como substrato da análise política e social.

Em “Marxismo e a questão nacional: Losurdo e a dialética nacional-internacional”, artigo de Diego Pautasso, Marcelo Fernandes e Gaio Doria, faz-se um balanço da questão nacional desde a Segunda Internacional. Os autores mostram como essa questão se desenvolveu em meio a importantes contradições (em especial a insistência de um “colonialismo positivo” por parte de Eduard Bernstein e outros) e análises que diferenciavam a luta nacional da luta do proletariado (sobretudo feitas por K. Kautsky).

Os três autores desenvolvem o enfoque de Losurdo sobre a questão nacional a partir da perspectiva teórica leninista. Nesse sentido, ressaltam a atualização original de Losurdo sobre o pensamento de Lênin – concernente à luta contra o neocolonialismo – como uma faceta da luta de classes. Assinala-se, assim, a extensa elaboração de Losurdo em diferentes obras sobre o tema, abarcando desde os problemas da Terceira Internacional até a derrocada da URSS, passando pela construção dos alicerces da Revolução Chinesa e pela crítica ao “cosmopolitismo abstrato”. Os autores concluem que, para o filósofo italiano, a questão nacional se coloca como “amálgama dos processos emancipatórios” (p.78).

A coletânea conta também com dois textos do próprio Losurdo. O primeiro, “Marx, Cristóvão Colombo e a Revolução de Outubro: materialismo histórico e análise das revoluções”, foi publicado em diversas revistas europeias e, no Brasil, na revista *Princípios*. Usando como metáfora a descoberta da América por Cristóvão Colombo quando tentava chegar às Índias, Losurdo mostra que é preciso avaliar o resultado da revolução e não apenas o seu programa máximo de referência. Induz-nos, desse modo, à observância da centralidade da materialidade do processo histórico na constituição dos nexos internos da análise.

Para a reflexão sobre a Revolução de Outubro, Losurdo indica o mesmo método que Marx e Engels aplicaram no exame das revoluções inglesa e francesa: “eles não começam pela consciência subjetiva dos protagonistas ou ideólogos que as invocaram e as prepararam ideologicamente, mas investigam as contradições objetivas que as estimularam [...] sublinham a defasagem entre o projeto político e o resultado objetivo” (p.85). Esse texto, que foi originalmente publicado como um capítulo de livro antes das homenagens aos 80 anos da Revolução de Outubro, foi elaborado para dialogar com os intelectuais “neoutopistas” que então manifestavam críticas àquela revolução a partir do programa revolucionário original.

Mas Losurdo não escreve esse capítulo somente com o intuito de um diálogo momentâneo sobre as diferenças epistemológicas da análise daquela revolução. Sua conclusão possui um caráter fundamental e permanente na medida em que sublinha a materialidade como elemento metodológico básico para a compreensão da atualidade. É preciso dirigir-se, portanto, a Marx e suas categorias n’*O capital*, pois, diz Losurdo, não é nem em Lênin e nem em Mao que estão as chaves de compreensão dos problemas atuais da sociedade burguesa. O século XX e a Revolução de Outubro precisam ser repensados de forma crítica para que se criem possibilidades de restituir a atualidade da força emancipadora da teoria (p.111).

O segundo texto de Losurdo e último da coletânea é “Gramsci e a Rússia soviética: o materialismo histórico e a crítica do populismo”, publicado na mesma revista que o anterior. Gramsci constitui ali o fio condutor para as críticas que Losurdo desenvolve. A primeira delas aborda a visão idealista do católico fervoroso Pierre Pascal sobre os primeiros momentos da Revolução de Outubro. Ao tratar da Rússia sob o governo soviético, Pascal afirma aquilo que gostaria que estivesse acontecendo: a “demolição de uma sociedade”; “o pobre resgatado da miséria”. Ao passo que Gramsci, lançando uma análise concreta, preocupa-se com o processo revolucionário: “será no início coletivismo da miséria, do sofrimento [...] poderão dissipá-lo no menor tempo possível” (p.114-115). Assim, o rigor de Gramsci desestimula a ingenuidade sem perder a perspectiva da superação.

Noutra das diversas críticas presentes nesse ensaio, Losurdo apresenta o debate em torno da dissolução da Assembleia Constituinte da Rússia soviética no início de 1918. Por um lado, Rosa Luxemburgo critica o encaminhamento dos bolcheviques e socialistas revolucionários julgando-o como autoritário, ditatorial. A grande revolucionária proclamou certo liberalismo de esquerda enaltecendo “a liberdade como ‘liberdade de quem pensa de modo diferente’”. Luxemburgo não se lembrou do ciclo revolucionário francês, de 1848, da Comuna e dos pontos nevrálgicos das restaurações; já Gramsci chamou a dissolução de “episódio de liberdade” (p.117). No restante do ensaio, como nesses dois casos, Losurdo desmonta diversos argumentos, expondo suas conexões internas a partir de diálogos com Gramsci.

Para finalizar, é importante notar que a presente coletânea não se encerra em si mesma. Pelo contrário, ela deve ser – e o organizador o deixa transparecer em diver-

tos momentos – um aperitivo para que o leitor possa aprofundar seu conhecimento sobre a obra de Domenico Losurdo, apresentado como uma referência de “sólida estatura intelectual e firmeza de caráter”. Um autor que não se deixou “impressionar pelo melancólico espetáculo” dos “renegados e desertores do comunismo que aderiram à ‘democracy’ e à ‘globalization made in USA’” após terem “comprovado o ‘fracasso’ do marxismo” (p.31).